

ANAIS DO  
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E  
COMÉRCIO**

VOLUME II

XXXV  
Coleção da *Revista de História*  
sob a direção do Professor  
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil  
1971

## A IMPRENSA PERIÓDICA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DO BRASIL (\*).

ANA MARIA DE ALMEIDA CAMARGO,  
da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Univer-  
sidade de São Paulo

A imprensa periódica, como documento e como fonte de documentos, é o objeto de nossa análise. Trata-se, como sabemos, de um dos mais amplos veículos de comunicação da opinião pública, e um dos meios de ação dos poderes, estatais ou privados. Para estabelecer a verdade histórica, cada periódico oferece o que registra: elementos fragmentários, divorciados, necessariamente simplificados, poucas vezes de todo objetivos, de uma realidade sempre complexa. Como acentua Jacques Kayser, apesar de discutível como fonte única, a imprensa é, por outro lado, uma fonte complementar de primeira ordem (1).

O jornal, principalmente quando formativo, é um tipo de documento que dá aos historiadores a medida mais aproximada da consciência que os homens têm de sua época e de seus problemas; mesmo quando informativo, não está livre de manifestações críticas e opinativas, e omissões deliberadas. Jeanne Berrance de Castro, em interessante trabalho sobre a imprensa mulata (2), mostra as dificuldades da utilização desse tipo de material: a imprensa, como meio de expressão das mais diferentes tendências reivindicatórias, apresenta os problemas como foram vistos e sentidos pelos participantes — coloridos, portanto, pela própria vivência da situação.

É claro que, tomando como fonte esse tipo de documento, teremos sempre uma visão parcial e subjetiva da realidade, distorção provocada não só pela proximidade dos homens com os fatos que apareciam no dia a dia, mas também, e principalmente, por seu comprometimento com as coisas. É preciso não esquecer, porém, que a realidade inclui o que se pensa sobre ela.

(\*) . — Comunicação apresentada na 1ª Sessão de Estudos, Equipe B, no dia 2 de setembro de 1939 (*Nota da Redação*).

(1) . — KAYSER (Jacques), *El Periódico: Estudios de Morfología, de Metodología y de Prensa Comparada*. 3ª ed.. Quito (Equador), Ciespal, 1966. 109 págs.

(2) . — CASTRO (Jeanne Berrance de), "A imprensa mulata". *Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2-11-1968.

Jean Glénisson afirma que a crítica, quando aplicada aos jornais, é de uma complexidade desencorajadora. Mas acentua por outro lado, que é uma pesquisa de importância primordial, lamentando o fato de ser feita muito raramente (3).

Tarefa bastante árdua, em que o historiador deve cumprir duas etapas: descobrir o periódico que lhe é útil e investigar nêle os elementos que lhe permitirão realizar uma análise crítica. Jacques Kayser propõe, como regras dessa análise, a investigação sôbre a origem da informação que o periódico contém e sôbre sua data. Recomenda, ainda, cuidado com as aspas, traduções, ilustrações (as mesmas servem, em publicações diferentes, para justificar afirmações contrárias), e confrônto do periódico estudado com outros competidores da região, adversários e simpatizantes (4).

Se admitimos que a problemática não se reduz à busca da veracidade das informações, pode-se ir mais longe; o jornal é um documento a ser usado com o máximo cuidado; os perigos de distorção (comuns, aliás, a todos os textos — onde geralmente se encontra aquilo que procuramos) são bem mais freqüentes, principalmente quando se trata de jornais do século XIX, em sua maioria formativos, doutrinários, apaixonados. Corremos o grande risco de ir buscar num periódico precisamente aquilo que queremos confirmar, o que em geral acontece quando desvinculamos uma palavra, uma linha ou um texto inteiro de uma realidade maior.

A pouca utilização da imprensa periódica nos trabalhos de história do Brasil parece confirmar nossas suposições. Alguns, talvez, limitem seu uso por escrúpulo, já que encontram, tão em evidência e abundância, as “confirmações” de suas hipóteses — e com a mesma facilidade, também, argumentos contrários. A maioria, porém, pelo desconhecimento, pela ausência de repertórios exaustivos, pela dispersão das coleções. Quando o fazem, tendem a endossar totalmente o que encontram, aproximando-se de seu objeto de conhecimento sem antes filtrá-lo através de crítica mais rigorosa.

A análise de apenas alguns trabalhos é suficiente para mostrar quão rica em sugestões é a imprensa periódica para o estudo de nossa história. Elementos que à primeira vista parecem despidos de qualquer importância ganham sentido quando bem explorados.

Quando falamos em imprensa periódica abrangemos, nessa categoria, jornais, revistas, almanaques e poliantéias. Embora cada um dêstes tenha caráter específico, utilizaremos, em nossa análise, a

---

(3). — GLENISSON (Jean), *Iniciação aos estudos históricos*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961, pág. 177 (*História Geral das Civilizações*, vol. complementen nr).

(4). — KAYSER (Jacques), *op. cit.*

classificação que Pedro Parafita de Bessa (5) deu aos jornais, no que se refere à matéria nêles contida. Tal classificação, adequada à imprensa mais recente (sua pesquisa é baseada em jornais de 1944), tem a vantagem de ser bastante elástica. *Grosso modo*, o jornal pode ser dividido em duas partes: o anúncio (incluindo tudo que se refere a compra, venda, aluguel ou permuta; casas comerciais; indústrias e fábricas; operários e empregados; profissões liberais; cerimônias religiosas; diversões; avisos da administração civil e militar) e o que êle chama de "contexto", ou seja, tôda a matéria restante: noticiário, editorial, comentários. Certas partes importantes de jornais do século XIX não são explicitadas pelo autor, mas podem ser inseridas na divisão maior.

Em abordagens diferentes o anúncio tem servido como fonte para os historiadores. Merecem destaque os conhecidos trabalhos de Gilberto Freyre, o iniciador da nova técnica de pesquisa entre nós. Servindo-se da imprensa periódica como elemento de base, revelou-nos aspectos importantes do período imperial; fêz brotar dos anúncios não apenas o pitoresco, o dramático, o singular, mas sobretudo o demonstrativo (6).

O jornal foi por êle utilizado para fixar predominâncias e, conforme palavras suas, para ilustrar tendências que caracterizam não só o comportamento da população escrava, mas também as relações dessa população servil com a sociedade patriarcal (7). Ressalta a importância dos anúncios de escravos fugidos para o estudo da biometria, antropologia, patologia tropical, etnologia médica e até da indumentária (8). Através de anúncios semelhantes extraídos de jornais de São Paulo, Emília Viotti da Costa caracterizou a precariedade da liberdade conquistada pelos negros fugidos (os anúncios primam pela riqueza de pormenores) (9). Anúncios de aluguel e venda de escravos permitiram à autora descrever o processo de ven-

- 
- (5). — BESSA (Pedro Parafita de), "Uma análise do conteúdo dos jornais", in *Revista do Arquivo Municipal*, vol. CXLIX. São Paulo, Divisão do Arquivo Histórico, Departamento de Cultura, Secretaria de Educação e Cultura, Prefeitura de São Paulo, 1952 (julho). pág. 23-58.
  - (6). — FREYRE (Gilberto), *Inglêses no Brasil*. São Paulo, Livraria José Olympio Editora, 1948, pág. 149 (Coleção Documentos Brasileiros, 58).
  - (7). — FREYRE (Gilberto), *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife, Imprensa Universitária, 1963, pág. 37. O trabalho de Gilberto Freyre é, sem dúvida alguma, indispensável para elucidar uma série de problemas com relação à escravidão, tanto mais que a análise lhe permitiu estender suas conclusões a tôda a história social do século XIX.
  - (8). — FREYRE (Gilberto), "Jornais, História e Psicologia", in *Retalhos de Jornais Velhos*. 2ª ed.. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1964, pág. 109-116.
  - (9). — COSTA (Emília Viotti da), *Da Senzala à Colônia*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966, pág. 312-313 (Corpo e Alma do Brasil, XIX).

da de negros (10), bem como estabelecer uma relação minuciosa de tôdas as funções exercidas por êles — serviços caseiros, artesanato, pequenas indústrias(11).

Fernando Henrique Cardoso, da mesma forma, dá um quadro da utilização dos escravos na estrutura artesanal de Pôrto-Alegre, em meados do século XIX, elaborado a partir de uma análise de anúncios de compra, venda e aluguel de escravos publicados nos jornais, chegando à importante conclusão de que a escravidão urbana, no período e região estudados, foi essencialmente doméstica (12).

A propaganda de casas comerciais foi utilizada por Stanley Stein para mostrar a não especialização do comércio em Vassouras (13). Constituem tais anúncios um material riquíssimo, ainda não suficientemente explorado. Nelson Werneck Sodré sugere trabalho monográfico sôbre a evolução do anúncio, que refletiria o desenvolvimento do artesanato, do comércio, da indústria e outras atividades; o estudo seria, a seu ver, de inestimável valor para esclarecer a progressiva supremacia do fabricante sôbre o comerciante, e da produção sôbre a circulação, peculiares ao capitalismo plenamente caracterizado e desenvolvido (14).

O estudo das influências estrangeiras no Brasil não dispensa tal material. Gilberto Freyre, em seu livro *Inglêses no Brasil*, vale-se dos anúncios de jornais brasileiros da primeira metade do século XIX para obter informações a respeito da presença marcante de elementos inglêses na vida do país e sua influência sôbre o comércio, sôbre nossa cultura científica e intelectual e sôbre alguns hábitos e costumes (15). O mesmo é usado pelo autor em outro trabalho, com relação aos franceses (16).

(10). — *Idem*, pág. 53-55.

(11). — *Idem*, pág. 231.

(12). — CARDOSO (Fernando Henrique), *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962, pág. 77-78 (Corpo e Alma do Brasil, VIII).

(13). — STEIN (Stanley J.), *Grandeza e decadência do café no vale do Paraíba*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1961, pág. 102.

(14). — SODRÉ (Nelson Werneck), *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, pág. 18 (Retratos do Brasil, vol. 51).

(15). — FREYRE (Gilberto), "Os inglêses nos anúncios de jornais brasileiros da primeira metade do século XIX", in *Inglêses no Brasil, op. cit.*, pág. 147-279.

(16). — *Um engenheiro francês no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1940, 218 págs. (Coleção Documentos Brasileiros, 26); ver, especialmente, o capítulo: "Os franceses nos anúncios de jornais brasileiros da primeira metade do século XIX" (pág. 41 e segs.). Também Emília Viotti da Costa, ao tratar da influência francesa em São Paulo na segunda metade do século XIX, fala da importância do anúncio como fonte de informações para caracterizar os principais agentes responsáveis pela difusão da cultura francesa entre nós; os anúncios permitem reconstruir um quadro bem nítido do predomínio dos artigos franceses no comércio paulista, em praticamente todos os ramos (NOGUEIRA (Emília), "Alguns aspectos da influência francesa em São Paulo na se-

Outros tipos de anúncio, bastante sugestivos para uma análise mais aprofundada, são os que aparecem nos jornais sob o título “Leilões”, muitas vezes minuciosamente descritos. Através dêles, diz Gilberto Freyre, podemos perceber os declínios e alterações no gôsto, bem como a mudança de influências (a francesa, a inglesa, a portuguesa); considera tais anúncios, em algumas épocas, mais sugestivos do que a simples propaganda comercial de novidades. E acrescenta que tôdas essas técnicas jornalísticas ineditoriais de persuasão são preciosas para um estudo sistemático da história social brasileira (17).

Sabermos o que se lia em determinadas épocas — e isso poderá ser feito não só através de anúncios de livreiros, como através dos mencionados anúncios de leilão (em que as bibliotecas normalmente também figuram) — é um dado importante para o estudo do gôsto, das principais tendências, das influências literárias.

O noticiário dos jornais, a partir do momento em que a imprensa se torna informativa por excelência, constitui importante repositório de dados — que exigem, é claro, meticulosa crítica e confrônto com outros, extraídos de fontes diferentes. Assim é que Nícia Vilela Luz, em seu trabalho sôbre a industrialização, utiliza largamente os retrospectos comerciais publicados pelo *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, a fim de colher elementos referentes ao câmbio (18); da mesma maneira procede o pesquisador Stanley Stein, extraindo da imprensa não só cifras sôbre o câmbio (19), como também sôbre produção de café (20), população escrava (21) e tráfico de negros (22). Através de dados publicados n’*A Província de São Paulo*, no *Correio Paulistano*, no *Diário de São Paulo* e no *Jornal do Comércio* (São Paulo), Emília Viotti da Costa chegou a fazer uma curva de preços de gêneros comestíveis entre 1860 e 1870 (23); a elevação do preço dos negros depois da cessação do tráfico foi assinalada, em seu trabalho, também por meio de pesquisas em jornais da época (24).

Além de sérias quantitativas explícitas, o noticiário permite a caracterização de certas situações, como o foram, em alguns dos tra-

---

gunda metade do século XIX”, in *Revista de História*, nº 16, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1953, pág. 317-342.

- (17). — FREYRE (Gilberto), “Jornais, História e Psicologia”, *op. cit.* O autor utiliza, também, uma série de exemplos extraídos de anúncios de leilão em seu trabalho *Inglêses no Brasil*, *op. cit.*
- (18). — LUZ (Nícia Vilela), *Aspectos do Nacionalismo Econômico Brasileiro (Os esforços em prol da industrialização)*. São Paulo, 1959, 169 págs. (Coleção da *Revista de História*, XVI).
- (19). — STEIN (Stanley J.), *op. cit.*, págs. 288, 293, 296, 337.
- (20). — Idem, *op. cit.* pág. 263.
- (21). — Idem, *op. cit.*, pág. 78-79.
- (22). — Idem, *op. cit.*, pág. 83.
- (23). — COSTA (Emília Viotti da), *Da senzala à Colônia*, *op. cit.*, pág. 134.
- (24). — Idem, *op. cit.*, pág. 275.

balhos já citados, as violências praticadas contra os escravos (25), a tensão entre homens livres e escravos (26), as condições de vida e trabalho em determinada época (27) — problemas menos evidentes, extrapolados do simples noticiário.

O aspecto de verdade incontestável de alguns noticiários pode e deve ser questionado. Boatos e informações falsas povoam os jornais às vésperas da abolição — e Emília Viotti da Costa, sem desprezá-los como documento, viu nisso a preocupação de certos grupos em aumentar a confusão e criar um clima de insegurança que levasse os proprietários a aderir ao movimento (28).

Quanto à matéria formativa, no que são abundantes os jornais e revistas mais antigos, tem servido para caracterizar as ideologias políticas na quase totalidade de sua argumentação.

As grandes campanhas como o Abolicionismo, a República, o Civilismo (29), para não citar outras, têm na imprensa farto material, não dispensado sua consulta exaustiva. Leôncio Martins Rodrigues, ao tratar do movimento operário nas primeiras décadas do século XX, serve-se da imprensa para analisar as ideologias revolucionárias; e capta a retomada de temas do socialismo europeu (anticlericalismo, antimilitarismo, internacionalismo proletário), bem como o teor das críticas aos males do capitalismo — presentes no espírito dessa geração — a partir de uma leitura dos periódicos doutrinários da época (30).

Não basta, entretanto, a fim de esboçar um quadro do que teria sido a plataforma ideológica de um determinado grupo, apreendê-las através das exposições doutrinárias e das críticas estampadas na imprensa; dos mais radicais até os mais moderados, os argumentadores encobrem interesses outros que não os evidenciados em suas exposições (31). Trata-se de sério desafio aos historiadores.

As polémicas, de que muitas vezes se ocupavam os jornais, também constituem ótima fonte para o estudo do pensamento de certos grupos. Mas na leitura (sem dúvida alguma apaixonante) dessas verdadeiras batalhas travadas por intermédio da imprensa, o historiador corre o grande risco de perder-se, de não minimizar suas proporções, de endossar, inclusive, a violência de sua própria linguagem. Exemplo admirável de utilização da polémica como fonte encontra-

(25). — *Idem*, *op. cit.*, pág. 290-294.

(26). — STEIN (Stanley J.), *op. cit.*, pág. 303-304.

(27). — CARDOSO (Fernando Henrique), *op. cit.*, pág. 149-151.

(28). — COSTA (Emília Viotti da), *op. cit.*, pág. 327.

(29). — Sugestão de Nelson Werneck Sodré, *op. cit.*, pág. 18.

(30). — RODRIGUES (Leôncio Martins), *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, s. d., pág. 125-130 (Corpo e Alma do Brasil).

(31). — É o que faz Fernando Henrique Cardoso (*op. cit.*, pág. 248-268), quando expõe a ideologia escravocrata e abolicionista, preocupando-se em esclarecer certos interesses não abertamente revelados.

mos no trabalho de Fernando Henrique Cardoso sobre a escravidão no Brasil meridional: degladiavam-se, em 1855, *O Pelotense* (Pelotas, RS) e o *Correio do Brasil* (Rio de Janeiro), mostrando a diferença de interesses quanto ao problema da economia do charque; o primeiro em termos de melhora do mercado gaúcho, e o segundo enfocando a questão do ponto-de-vista dos plantadores de cana ou café, que diziam representar os interesses nacionais.

“Na polêmica entre os dois jornais”, diz o autor, “transparece, de fato, toda a trama de interesses contraditórios a que esteve sujeita a economia do charque e se desvendam os motivos pelos quais a instabilidade econômica impediu a formação de uma economia poderosa e estável”.

Através das réplicas e trélicas da polêmica, resume a argumentação das duas posições e caracteriza muito bem o clima de tensão que as provocara (32).

A caricatura pode ser incluída entre as várias formas de crítica. Apesar de sua simplificação exagerada, não é desprovida de fundamento real (33); trata-se, antes, de uma linguagem lúcida, e deve ser encarada dessa forma. Através de anedotas e charges estampadas na imprensa muitas situações são esclarecidas; Stanley Stein, por exemplo, analisa a situação do agregado a partir de vinhetas que o retratavam tem época de eleições, o que lhe permitiu avaliar o grau em que eram tolerados pelos fazendeiros — serviam de apoio físico e moral quando a política local o exigia (34). Pela caricatura penetramos na intimidade e na sutileza das relações sociais, às vezes pouco tangíveis, de difícil abordagem. Deve-se levar em conta, também, os efeitos desse tipo de crítica ilustrada e sua acolhida pelo público leitor; Emília Viotti sugere, nesse sentido, que as caricaturas que ridicularizam os escravistas eram, talvez, mais atuantes do que os inflamados artigos abolicionistas (35).

O “traço íntimo do passado”, para usar a expressão de Gilberto Freyre (36), encontra nas partes ineditoriais das folhas toda uma documentação da vida, da moral, dos costumes. As seções ou colunas sociais oferecem, segundo o autor, quando analisada sua linguagem, grande interesse para a interpretação do espírito brasileiro — pelo

(32). — CARDOSO (Fernando Henrique), *op. cit.*, pág. 175-180.

(33). — JANOWITZ (Morris) e SCHULZE (Robert), “Tendances de la recherche dans le domaine des communications de masse”, in *Communications*. Paris, Seuil, 1961, pág. 16-37 (École Française des Hautes Études — Centre d’Études des Communications de Masse, I).

(34). — STEIN (Stanley J.), *op. cit.*, pág. 67-68. Serve-se, igualmente, de uma série de charges que satirizam os “fracos” da sociedade das fazendas e das cidades do interior (pág. 150-151).

(35). — COSTA (Emília Viotti da), *op. cit.*, pág. 409.

(36). — FREYRE (Gilberto), “Jornais, História e Psicologia”, *op. cit.*, pág. 109-116.

que soam de “alarmante rococó” e pelo que exprimem de insegurança. Sua leitura pelos pesquisadores pode vir a esclarecer fenômenos mais importantes; as despedidas de tôda espécie de negociantes através dessas colunas por volta de 1877, em Vassouras, serviram para Stein fundamentar o êxodo e o auge de uma crise econômica (37). O autor também percebeu, através da leitura das seções sociais, que os atos de caridade dos fazendeiros, as doações feitas freqüentemente, enfim, tôda a filantropia pomposamente noticiada, eram significativos não só de uma cidade ocupada por mendigos (sua função marginal), como atitudes próprias da alta classe (38). Nem é preciso ressaltar, aqui, como às vêzes questiúnculas sem grande interesse, de sabor local, são importantes para exemplificar algum aspecto mais amplo da vida do passado.

A imprensa pode ser ainda considerada sob ângulos diferentes. Através da análise de vários periódicos, Brito Broca nos deixou um interessante quadro da primeira década do século XX; e a euforia de “1900”, a *jeunesse dorée*, o mundanismo, a futilidade dos salões, dos cafés (a confeitaria Colombo), das agremiações literárias, a sedução de Paris, a moda — são sentidos nos jornais e revistas que, conforme suas próprias palavras, nos dão o “diapasão da época” (39). Ao referir-se a José do Patrocínio como elemento representativo da fase final da boemia, Brito Broca nos dá alguns dados sôbre a abolicionista romântico, acrescentando que

“o triste espetáculo da decadência do homem reflete-se no jornal” (40).

É claro que estudos biográficos não excluem a análise de alguns órgãos da imprensa; como todos sabem, várias personagens de nossa história política militaram como jornalistas.

A imprensa sugere outros tipos de estudos paralelos, igualmente válidos para a compreensão de uma totalidade histórica: a delimitação da área geográfica de circulação dos jornais, seu poder de penetração, a composição de público em suas diversas camadas sociais, o preço do periódico e sua ligação com os custos de produção e o valor da moeda, etc. (41). É preciso sempre vincular a situação da imprensa ao quadro geral do tempo, suas características e suas necessidades.

\*

(37). — STEIN (Stanley J.), *op cit.*, pág. 134-135.

(38). — *Idem*, pág. 154-155.

(39). — BROCA (Brito), *A vida literária no Brasil — 1900*. 2ª ed., Rio de Janeiro Livraria José Olympio Editora, 1960, pág. 20-21 (Coleção Documentos Brasileiros, 108).

(40). — *Idem*, pág. 12.

(41). — Algumas das sugestões de Nelson Werneck Sodré (*op. cit.*, pág. 18).

Gostaríamos de apresentar aos participantes dêste simpósio, a título de exemplo, o resultado de uma experiência feita, no ano letivo de 1968, com alunos do curso de Metodologia da História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Nossa intenção foi, antes de mais nada, familiarizá-los com certos procedimentos da crítica histórica, através da análise da imprensa periódica. Reunidos na *Hemeroteca Júlio de Mesquita* do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, onde tiveram oportunidade de entrar em contacto com uma das mais ricas coleções de jornais brasileiros, procederam ao arrolamento e catalogação do material, após o que, entrosados com a natureza e conteúdo da documentação, puderam escolher — dentre as coleções — as mais sugestivas para um trabalho monográfico.

Os temas escolhidos abrangeram áreas e épocas diferentes. Dêles destacamos o que se segue:

*Exemplo de um trabalho: "Antônio Bento e seus caifases".*

Pesquisa realizada por: Alice Aguiar de Barros Fontes,  
Ana Maria Avelino Mathias,  
Haydée Garagnani Panes,  
Lia Romano Leite.

Nosso objetivo foi de início analisar, através do jornal *A Redenção*, as idéias que nortearam a atuação de Antônio Bento e seus caifases no sentido de promover a fuga de escravos em São Paulo, às vésperas da abolição. Tal movimento, bastante citado, mas pouco conhecido pela maioria dos historiadores que trataram da campanha abolicionista, despertou nosso interesse para um estudo mais aprofundado.

Antônio Bento de Sousa e Castro, advogado na Capital, por isso mesmo desvinculado em parte dos interesses da lavoura, tornou-se chefe de um movimento organizado de libertação do negro. Centralizava sua atuação na Confraria de Nossa Senhora dos Remédios, de que era provedor, reunindo em torno de si auxiliares das mais diversas camadas sociais, inclusive negros alforriados, auxiliares que constituíram o grupo heterogêneo dos "caifases". Estes homens atuaram nos principais redutos escravocratas da Província, desorganizando o trabalho nas grandes fazendas e encaminhando parte dos escravos para o quilombo do Jabaquara, em Santos.

O assunto chamou-nos a atenção por tratar-se de uma luta em que a ação prática desempenhou papel importante, já que a campanha abolicionista poucas vezes veio acompanhada de gestos "revolucionários" que ultrapassassem o nível da doutrina e da polêmica.

Como a bibliografia sobre o episódio aborda de maneira superficial a questão, as fontes secundárias pouco ou nada contribuíram para elucidá-lo. Além de cartas e outros documentos particulares

que possivelmente são conservados pela família de Antônio Bento e por antigos moradores de Santos, resta ainda mencionar, como fonte para nosso estudo, a documentação existente na Confraria de Nossa Senhora dos Remédios; servindo não só como centro de difusão do movimento, mas também como refúgio provisório dos escravos, guarda uma série de livros de atas das reuniões.

Os ofícios e demais registros da Polícia, localizados no Departamento de Arquivo do Estado de São Paulo, fornecem alguns elementos importantes para o trabalho. Quanto à existência de algum registro do próprio quilombo do Jabaquara, nada sabemos.

Assim, restou-nos, como principal fonte a ser utilizada, a imprensa periódica. Dela nos propusemos extrair dados de natureza diversa, a fim de caracterizar a ação dos caifases de forma global: sua penetração, suas bases teóricas, seus resultados. A empresa se nos afigurava de grande proporção: até que ponto os jornais poderiam oferecer elementos para o estudo projetado? Até que ponto seríamos capazes de evitar distorções e de assegurar a objetividade necessária para o enfoque do problema? O contacto com uma literatura apaixonada, o convívio com os problemas que o quotidiano da época tendia naturalmente a valorizar — tudo se colocou como sério desafio.

É o resultado parcial dessa experiência, tão rica em sugestões, que gostaríamos de relatar.

Dados mais concretos sobre a atuação dos caifases — sua identificação, o número de escravos que conseguiram fazer fugir, o destino que davam aos libertos — puderam ser encontrados nos jornais das áreas por onde passaram. Dentre estas, a zona da estrada-de-ferro Mojiana revelou-se de grande interesse, por constituir eixo de maior atuação do movimento (o transporte dos negros era facilitado sobremaneira pelos agentes que Antônio Bento possuía entre os ferroviários). A imprensa de cidades como Campinas e Moji-Mirim (42) notícia os ataques às fazendas, retratando as lutas e fornecendo elementos que nos permitem analisar os resultados práticos de sua ação. De grande importância para a vida local, tais episódios nunca deixam de figurar em jornais; era acompanhados de violentas críticas, ora merecendo o apóio dos comentaristas, trazem sempre uma riqueza de pormenores bastante úteis para nossa análise.

Também a imprensa da capital, por meio de seus órgãos mais influentes, registra dados semelhantes. Jornais como o *Correio Paulistano*, para citar apenas um exemplo, trazem freqüentemente notícias do que ocorre em outras cidades, nas colunas de “Correspondên-

\*

---

(42). — Estão sendo consultadas as coleções da *Gazeta de Campinas* e *Gazeta de Moji-Mirim* existentes na Hemeroteca Júlio de Mesquita do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; e procedemos ao levantamento de jornais de outras localidades, para futura pesquisa.

cia” e “Seção Livre”. Dada a dificuldade de acesso aos periódicos do interior recorremos, quando necessário, aos grandes jornais de São Paulo.

Não poderíamos omitir jornais de Santos, onde estava instalado o quilombo do Jabaquara, chefiado pelo negro Quintino de Lacerda; era em Santos, também, que os ex-escravos encontravam outras possibilidades de trabalho, principalmente nas docas, sendo indispensável portanto, a consulta de jornais locais a fim de colher dados sobre o tipo de vida que se seguia à fuga (43).

A par das informações que se referem mais diretamente aos resultados práticos da campanha encetada por Antônio Bento, encontramos, estampadas na imprensa, manifestações opinativas, tanto favoráveis como contrárias, que nos dão a medida dos reflexos do movimento ao nível da consciência de ambos os grupos. Não poderíamos deixar de lado este aspecto do problema, já que nenhum jornal da época se mantém indiferente a êle. Pretendemos confrontar as várias posições, a partir das mais radicais, pela análise de publicações diversas, incluindo as de pequeno formato. Nesse sentido tivemos o cuidado de folhear a *Revista Ilustrada*, de São Paulo, que apoiava a campanha, servindo-se principalmente da caricatura para criticar os escravocratas. A “charge”, cuja utilização para a história é bastante difícil, já que reflete um aspecto menos palpável da realidade e precisa ser despida de sua natural dose de exagêro, foi levada em consideração. Para exemplificar, na caricatura de Ângelo de Agostini, Antônio Bento é representado com ares sinistros (44), mostrando muito bem a visão que dêle tinham os fazendeiros, temerosos de sua ação.

É através da imprensa, também, que podemos acompanhar a evolução do pensamento abolicionista do chefe Antônio Bento, o que, sem dúvida, é importante para compreendermos seu empenho pela causa. Sua vida jornalística, iniciada em 1882 com a publicação d'*O Arado*, foi bastante intensa; foi redator-chefe do *Jornal do Comércio e d'A Liberdade*. Pudemos perceber, em nossas pesquisas, adesão ao ideal abolicionista, apenas esboçado de início, mais tarde agressivo e franco.

Incluindo as idéias do chefe, *A Redenção* constituiu-se no portavoz do pensamento de todos aquêles que participaram da ação revolucionária. Por isso mesmo, sua análise é de importância fundamental

\*

(43). — Além dos periódicos de maior tiragem, como o *Diário de Santos*, cumpre destacar a *Vila de Redenção*, jornal surgido em 1887 e dedicado exclusivamente à propaganda abolicionista; advogava a causa de Antônio Bento, adotando o nome pelo qual era conhecido, em Santos, o quilombo do Jabaquara.

(44). — *Revista Ilustrada*. Rio de Janeiro, ano 13, nº 511, 25 de agosto de 1888.

para compreendermos as bases teóricas do movimento, na medida em que se tornou um difusor da argumentação que o justificava e motivava.

A leitura sistemática da coleção do jornal elucidou-nos a respeito de uma série de problemas que antes permaneciam obscuros, ao mesmo tempo que sugeriu a procura de outras fontes e o levantamento de novas hipóteses de trabalho.

Dados que à primeira vista pareciam pouco significativos, como a indicação da tiragem do jornal, eram sintomáticos do grau de repercussão e difusão de suas idéias. Com 44 números, *A Redenção* possuía 2500 assinantes (45), demonstrando a gradativa aceitação que alcançava. Não era lido apenas na capital — suas colunas de “Correspondência” incluíam protestos e congratulações de leitores de inúmeras cidades da Província. É muito difícil caracterizar o público leitor a partir de dados isolados. Nota-se, entretanto, que o jornal procurava penetrar nas camadas menos cultas, dada a preocupação de seu redator-chefe, Antônio Bento, com escrever numa linguagem simples e acessível.

*A Redenção* não escapava, aparentemente, dos padrões da época. O “folhetim”, tão a gosto do público, não deixava de figurar em suas páginas; Antônio Bento, porém, dêle se servia para divulgar idéias abolicionistas, como podemos notar pela publicação em série do romance *A cabana do pai Tomás*, cuja influência na campanha anti-escravista é bem conhecida de todos.

O conteúdo de seus artigos e editoriais nos permite caracterizar tôda a argumentação desenvolvida pelo grupo. O que parecia, de início, uma simples repetição do que foi dito por outros abolicionistas anteriores e contemporâneos, adquiriu teor diferente através de uma leitura mais atenta. O jornal se utilizava até da teoria de Alan Kardec para combater os escravocratas — são os espíritos que

“os obrigam a proceder mal contra os escravos” (46).

e esta explicação da crueldade dos senhores nos é transmitida através de contos sobrenaturais que procuram ridicularizar a atitude de alguns fazendeiros.

De resto, serve-se das repisadas teorias de justificação da campanha, como o exemplo de outras nações e províncias (47), as doutrinas econômicas e sociológicas da época (48), o nacionalismo

\*

(45). — *A Redenção*, nº 44, 9 de junho de 1887.

(46). — *A Redenção*, nº 20, 13 de março de 1887.

(47). — Veja-se, por exemplo, *A Redenção* nº 3, 9 de janeiro de 1887.

(48). — “Filósofos e economistas do século XVIII como Turgot, Montesquieu, Raynald, Concorcet etc. ... já sublevaram a opinião do povo contra a escravidão dos negros”. *A Redenção*, nº 3, 9 de janeiro de 1887.

(49). Perguntamo-nos até que ponto *A Redenção* vê o problema da perspectiva do senhor, já que, como tantos outros órgãos de propaganda abolicionista, invoca as vantagens econômicas que o trabalhador assalariado traria para a lavoura. De fato, em suas páginas encontramos freqüentemente artigos sobre a imigração como elemento vantajoso para as fazendas de café.

Todavia, o jornal aborda a questão de modo a ultrapassar o nível unilateral de argumentação. Fala, e nisso talvez consista sua originalidade, sobre a situação do escravo depois de liberto e sua integração na sociedade. O ponto de vista do negro também é levado em consideração, coexistindo, na exposição da ideologia abolicionista, com a visão senhorial. Preocupando-se com o negro como ser humano, combate sua atitude servil e sua apatia perante a condição que lhe era imposta pela sociedade (é fato notório que muitos negros se empregavam até como capitães-do-mato). Através de alguns artigos do jornal, notamos que o grupo procurava não só libertar o negro, mas também “conscientizá-lo”. Sabemos que alguns caifases, disfarçados em vendedores ambulantes, concitavam os negros a uma tomada de posição, despertando-os de um conformismo sem sentido. *A Redenção* vai além: pensa, inclusive, no problema da desvalorização do trabalho depois da abolição.

As críticas alcançam, aos poucos, um tom agressivo e irreverente, não poupando padres, juizes, delegados e o próprio imperador. Expressões como esta

— “diabos que carreguem a tódas as autoridades” (50) —

tornam-se freqüentes. A causa eclipsava, à medida que caminhava para o desenlace, o partidarismo político. Conservadores, liberais e republicanos lutavam juntos pela abolição; e, de igual maneira, figuravam na “Crônica de anos” e na “Crônica negra” (colunas em que eram relacionados escravocratas irredutíveis) homens de todos os partidos.

A forma direta e violenta de crítica, acrescida de uma linguagem simples, explora abertamente a sensibilidade pública, através de contos dramáticos sobre torturas e castigos infligidos aos negros.

\*

Mas *A Redenção* não se limitou a denunciar; documentava, também, toda a ação prática do movimento, desde as subscrições feitas através do jornal para dar liberdade a certos escravos (51) e a assis-

(49). — Fariam sempre que só depois da abolição a escravidão a nação mostrará ao mundo sua riqueza e grandeza; a escravidão constitui “vergonha das vergonhas para o brasileiro”. *A Redenção*, nº22, 20 de março de 1887.

(50). — *A Redenção*, nº 102, 8 de janeiro de 1888.

(51). — Veja-se por exemplo, *A Redenção*, nº 42, 2 de junho de 1887.

tência jurídica que se dispuseram a prestar em seu favor (52), até os ataques às fazendas. Como agentes, os caifases colocam-se em pé de igualdade com os capitães-do-mato; e a consciência disso é expressa pelo jornal, quando dizem considerar-se a polícia secreta dos abolicionistas.

A fase final da luta pela abolição — em que o apêlo de adesão sem meias medidas é cada vez mais persuasivo — inclui Antônio Bento e seus caifases. Dentro do panorama das teorias abolicionistas, sua plataforma, servindo de esteio a uma ação revolucionária das mais eficazes, e talvez por isso mesmo, ganha dimensões diferentes. E nesse microcosmo — bastante elástico para que os problemas de todo o tempo possam nêle ser sentidos — vibram as relações entre o que é pensado e o que é feito, entre o que é idéia e o que é ação.

\* \*  
\*

#### INTERVENÇÕES.

1). — Do Prof. *José Calazans Brandão da Silva* (FFCL/UF Bahia).

Oferece uma pequena colaboração ao trabalho apresentado dizendo que Euclides Cunha, ao elaborar uma parte (“A Luta”) de seu livro *Os Sertões*, usou como documentação o noticiário da imprensa paulista, carioca e sobretudo baiana. O escritor, em grande parte, serviu-se do que os jornais divulgam a respeito de Antônio Conselheiro e da guerra nos sertões da Bahia de 1896 a 1897, pois a bibliografia sôbre o assunto na época era muito pequena.

\*

2). — Do Prof. *Francisco Nivaldo de Baptista*.

Indicou como contribuição à comunicação apresentada o livro de Raimundo de Magalhães Júnior sôbre a liberdade de imprensa que havia no Brasil. Como exemplo citou a caricatura da Princesa Isabel lavando uma Igreja. Também destacou a questão do jornalista Apulcro de Castro e sua morte posterior.

\*

3). — Da Prof<sup>a</sup> *Maria Cecília Westphalen* (FFCL/UF Paraná).

Inicialmente disse desejar relatar, apenas em atenção à importância da comunicação apresentada, acêrca da interligação da im-

---

(52). — Assistência esta retirada pouco tempo depois. *A Redenção*, nº 19 10 de março de 1887.

prensa periódica como fonte para a história do Brasil, que os alunos da 3ª série do curso de História da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná no corrente ano letivo, na disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa”, estão levantando os jornais paranaenses do período compreendido entre 1890 e 1930, procurando acompanhar, através do noticiário, as concessões de terras às grandes companhias colonizadoras e de pequenas concessões a proprietários privados, a marcha da ocupação da terra no Paraná moderno.

\* \*  
\*

### RESPOSTAS DA PROF<sup>a</sup> ANA MARIA DE ALMEIDA CAMARGO.

1). — Ao Prof. *José Calazans Brandão da Silva*.

Agradecendo a colaboração, acentuou que era mais um elemento a favor do que expôs, tendo-se em vista, ainda, a ausência quase completa de depoimentos de participantes ligados a Antônio Conselheiro. Dadas as condições do movimento de Canudos, os subsídios deixados — poucos e unilaterais — levam o historiador a socorrer-se quase que exclusivamente das informações indiretas colhidas através da imprensa.

\*

2). — Ao Prof. *Francisco Nivaldo de Baptista*.

Considera oportuna a contribuição, já que os trabalhos de Magalhães Júnior também utilizam farto material extraído da imprensa periódica; lembra, entretanto que o próprio autor, em prefácio a *O Império em Chinelos* (53), diz não pretender fazer histórias; coloca-se êle, modestamente, entre os “contadores de histórias” que se dedicam a episódios e miudezas, pormenores, figuras de fundo, em suma, que é acessório ou secundário.

\*

3). — À Prof<sup>a</sup> *Maria Cecília Westphalen*.

Congratulando-se com a iniciativa da Universidade Federal do Paraná, ressalta a importância dos trabalhos de levantamento de periódicos — campo praticamente inexplorado — e faz um apêlo aos participantes do simpósio no sentido de seguirem o exemplo dos pesquisadores paranaenses.

(53). — São Paulo, Editora Civilização Brasileira S. A., 1957.